A sabedoria da carne: corporeidade e ética em Michel Henry*

Flesh's Wisdom: Bodyhood and Ethics in Michel Henry

João Elton de Jesus**

Resumo

Michel Henry (1922-2002) opõe-se às ciências galileanas que tratam o corpo e a sexualidade de maneira científicizada, matematizada e refém das representações redutivas do ser humano em detrimento dos sentidos. Buscaremos, por meio de uma revisão bibliográfica do autor, mostrar que a sexualidade não entra nos discursos jurídicos, pois está relacionada com o corpo e esse com a vida. É um páthos, um sentir, não pode ser geometrizada. Apoiados na tese de Henry que mostra como a carnalidade reaparece graças à uma fenomenologia onde o corpo se fenomenaliza como sensibilidade: sentir e movimento, a pesquisa propõe pensar nas questões de gênero que não caem na ingenuidade de opor natureza e cultura quando a sexualidade é da ordem do corpo de carne e a carne não nega jamais sua materialidade incontornável tomada do ponto de vista fenomenológico. Por fim, abordar-se-á a questão ética, que assume novo estatuto no horizonte do corpo subjetivo de tal sorte que a ética do corpo e a ética da sexualidade sejam pensadas a partir da imanência absoluta da vida em que corpo e alma constituem uma unidade inseparável na fenomenalidade do corpo próprio e portanto, da sexualidade.

* Artigo recebido em recebido em 14/09/2015 e aprovado para publicação em 23/10/2015.

** Graduação em Filosofia (FAJE).

Palavras-chave: Fenomenologia; Sexualidade; Gênero; Corporeidade; Ética.

Abstract

Michel Henry contests the Galilean sciences which see body and sexuality scientifically, mathematically being hostage of reductive representations that eliminate the human senses. Through review bibliographic, we will show that sexuality cannot be interpreted by juridical discourses because it is connected to the body in which is related to life. This is a *páthos*, a sensibility and cannot be explained by geometry. Supported in Henry's thesis that show how the flesh reappears thanks to the phenomenology that the body phenomenizes itself as feeling and movement, this study proposes to think gender issues that no bring a naivety approach between nature and culture. The sexuality happens in a body of flesh and does not deny its essential materiality taken from the phenomenological point of view. Finally, it will be illustrated the ethical question, which assume new status on the horizon of the Subjective Body. The ethics of the body and the ethics of sexuality are based on absolute immanence of life. Body and soul are an inseparable unity in phenomenality's body and thus of any sexuality.

Keywords: Phenomenology; Sexuality, Gender, Corporality, Ethic

Introdução

Cidadão do mundo, Michel Henry nasceu no Vietnã, viveu na Indochina e formou-se na França. Participou de movimentos sociais e políticos e viajou por diversos países. Essas experiências influenciaram no seu pensamento e produção bibliográfica, principalmente após os anos 80 quando foca temas como arte, política, economia e cultura.

Em fevereiro de 1963, Michel Henry defende a tese a *Essência da manifestação* perante Jean Hyppolite, Jean Wahl, Paul Ricœur, Ferdinand Alquié e Henri Gouhier. Desse estudo, surge uma das mais famosas obras do autor, *Filosofia e Fenomenologia do corpo: Ensaio sobre a ontologia biraniana*, publicada em 1965.

Através da fenomenologia, Michel Henry busca uma essência ideal de mundo que se afaste das ideologias científicas, biológicas e psicológicas. O autor “apresenta em suas obras dois movimentos que formam o seu pensamento: a crítica à filosofia tradicional e a proposta de um método fenomenológico de investigação da vida no advir de si mesma como páthos” (PRAZERES, 2014, p.244)

Michel Henry surge como uma voz profética dentro do pensamento filosófico, pois apresenta uma outra forma de pensar que vai além daquilo que simplesmente aparece aos olhos do mundo em sua objetividade. Ele parte para uma fenomenologia que leve em consideração aquilo que é invisível, mas ao mesmo tempo presente e real em toda existência.

A fim de abordar a sabedoria da carne, bem como a ética e corporeidade apresentaremos primeiro a crítica que Henry faz à redução galileana, que eliminou o aspecto subjetivo da concepção de mundo. Em seguida, abordaremos a inversão fenomenológica e na sequência a fenomenologia do corpo. Na quarta parte debruçaremos sobre a sexualidade e a questão de gênero e por último, a perspectiva ética produzida por Michel Henry em consonância com a fenomenologia da vida e com a corporeidade.

Redução Galileana

Segundo Michel Henry, a partir da modernidade a vida foi ocultada por uma matriz de pensamento que lida somente com o aspecto externo e objetivo da realidade. Para ele, a origem dessa ideologia remonta a Galileu Galilei.

Na concepção de Galilei (1983, p.130) o universo “está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto”

A crítica de Henry ao que ele chama de redução galileana se dá pelo fato desta eliminar da realidade toda sensibilidade, impressões, emoções, desejos e paixões, em suma, toda a nossa subjetividade. Pois conforme Galileu afirma “temos igual certeza de que eles [os sentidos] não nos proporcionam a ordem racional que é a única capaz de nos fornecer a explicação desejada [sobre o mundo]. (BURTT, 1983, p. 64)

Para Michel Henry (2012b, p.114) “A modernidade resulta de uma decisão intelectual formulada com clareza (...) de compreender, um

universo doravante reduzido a um conjunto objetivo de fenômenos materiais”. O autor afirma que, a ênfase no quantitativo e mensurável, a ideia da lei e sua expressão matemática vão formar as bases da era moderna e todo o pensamento dela decorrente.

O mundo matemático e mecanicista tornará possível o desenvolvimento da técnica que ganhará força principalmente a partir do séc. XVII. Segundo Michel Henry, nos anos seguintes, em nome do progresso, as comunidades humanas passarão a descartar pessoas, culturas e valores.

O mundo moderno é, por conseguinte, o de Galileu, é um mundo que é no fundo, reducionista, materialista, que crê que o único saber válido é a física e as ciências que lhe estão ligadas. É um mundo que obedece a essa ideologia que identifica saber com ciência, que nega a existência de outro tipo de conhecimento” (Henry, 2010, p. 13)

A redução galileana alcança um caráter ontológico pois esvazia o aspecto subjetivo como as sensações eróticas, desejos e temores, identificando esses como um “bombardeamento de partículas”.

Os homens afastados da Verdade da Vida mergulham nos enganos, nos prodígios em que a vida é negada, ridicularizada, troçada, simulada, ausente. Os homens são substituídos por abstrações, entidades econômicas, lucros e dinheiro. Os homens são tratados matematicamente, informaticamente, estatisticamente, contados como animais, sendo tidos em menor apreço do que estes. (HENRY, 1998, p. 277)

Como qualquer ação do homem, a ciência é também uma forma de vida. Não obstante, quando a ciência pretende ser a detentora da verdade ela se torna “uma vida que se nega a si mesma, a autonegação da vida, este é o acontecimento crucial que determina a cultura moderna como cultura científica (HENRY, 2015, p.105)

Michel Henry não legitima qualquer apreciação pejorativa visando desqualificar a ciência. Sua crítica se dá quando o saber científico se apresenta como a única verdade. Para ele, (2012b, p.49) é quando esse engano acontece “que o filósofo tem que intervir”.

Inversão fenomenológica e a fenomenologia da vida

Tendo como um dos fundadores, o filósofo alemão, Edmund Husserl (1859-1938), a fenomenologia busca a essência, o que faz de algo um fenômeno, o “como” de sua doação, a maneira segundo o qual os fenômenos se dão a nós, nos aparecem.

Dessa forma, “a fenomenologia ao descrever os atos intencionais, o vivido, o mundo da vida, os correlatos intencionais possibilitam a instauração de uma filosofia como ciência de rigor e a fundamentação da lógica”. (Husserl, 2001, p.17)

Indentado: Todavia, a própria Fenomenologia histórica não levou esta sua melhor promessa até às suas derradeiras possibilidades. Por isso, apesar de reconhecer sem equívocos a importância da Fenomenologia husserliana contra os reducionismos da Modernidade, e de reconhecer a sua própria dívida para com ela, M. Henry propõe-se levar o projecto fenomenológico mais longe do que a fenomenologia história, husserliana (ROSA, 2006, p.9)

Michel Henry acredita que “a vida real, concreta, invisível, permaneceu, em Husserl, num anonimato inultrapassável” (Henry in ROSA, 2006, p.10). Assim ele busca ir ao cerne daquilo que se propôs a fenomenologia, que é o “conhecer às coisas mesmas”.

Para o filósofo francês, conhecer é diferente de ver. Em sua concepção “existe outro modo de revelação (...) cuja fenomenalidade já não seria a do “lado de fora” desse pré-plano de luz que é o mundo” (HENRY, 2014, p.58). Trata-se de uma realidade escondida ao ver, invisível à toda representação no mundo visível.

Destarte, “o conteúdo real do mundo sensível decorre de uma impressão exclusiva, ou seja, o conteúdo real do mundo, é uma revelação original, primitiva, impressional, sensual. (HENRY, 2014, p.72). Há no fenômeno um autoaparecer, pois aparecemos a nós mesmos antes de aparecermos no mundo. O “por-de-fora” não se dá nos objetos, é algo mais originário

Para Michel Henry, o que vem antes de tudo é o próprio aparecer da vida em sua fenomenalização originária, em sua autorevelação em sentido radical. A vida para Henry se experimenta num páthos, em uma impressão sofredora e fruidora.

Imanente e transcendental, na vida não existe “nada de outro, nenhuma alteridade, nenhuma objetividade” (HENRY, 2014, p.38). De tal modo, a vida não pode ser tema das ciências ou objeto do saber científico, pois estes trabalham com aquilo que se mostra, com o objetivo, que não é a situação fenomenológica da vida.

A vida é um saber originário onde não há intervenção do saber da consciência ou do saber da ciência. Todos os saberes são manifestações da própria vida, tem origem somente nesta. “É o saber da vida que torna possível o movimento das mãos e dos olhos, o ato de se erguer, de subir as escadas, de beber e comer, o próprio repouso” (HENRY, 2014, p.34)

Portanto, para Michel Henry, a vida é uma afetividade originária e pura, imanente e transcendental. É da ordem da subjetividade e da sensibilidade. “Vida é *affectus*, é um Si dado a si mesmo na vida, e apenas provado nesta. A partir deste sentir primitivo se desenvolvem a consciência, o pensamento, a linguagem, a memória e as demais características e ações humanas. (PRAZERES, 2014, p.246)

Fenomenologia do corpo

No pensamento de Henry, o corpo é um fenômeno que é vivido interna e exteriormente. Para ele, “existem dois modos fundamentais e irreduzíveis de aparecer: o do mundo e o da vida” (HENRY, 2014, p.140). Em sua obra *Ver o invisível* ele afirma:

Pois, de um lado, vivo interiormente esse corpo, coincidindo com ele e com o exercício de cada um de seus poderes: eu vejo, ouço, cheiro, movo mãos e olhos, tenho fome, frio, de tal modo que eu sou esse ver, esse ouvir, esse cheirar, esse movimento, essa fome, que eu me precipito inteiro em sua pura subjetividade, a ponto de não poder me diferenciar deles - fome, sofrimento, etc. - em nada. De outro lado, e ao mesmo tempo, eu vivo exteriormente esse mesmo corpo por ser capaz de vê-lo, tocá-lo, representá-lo a mim mesmo como objeto, realidade exterior próxima aos outros objetos. (Henry, 2012c, p. 14)

Embora não negue o corpo objetivo que aparece no mundo, a busca principal de Henry é pelo fenômeno originário e puro e constitui na própria vida. “Não há vida sem uma carne, mas não há carne sem vida” (HENRY, 2014, p.178).

Para Henry a carne, a corporeidade do homem é muito mais originária. A carnalidade não é intencional, não é sensível, sua essência é a vida. (HENRY, 2014, p.173). Trata-se do corpo subjetivo transcendental que, como a vida, não pode ser coisificado pela física, química e biologia ou por nenhuma das ciências reducionistas e objetivadoras.

Na fenomenologia do corpo há uma busca do homem concreto, da factibilidade da vida. Apresenta o caráter efetivo da subjetividade humana caracterizada pela corporeidade. Para isso, Henry se inspira em Maine de Biran (1766-1824) "o primeiro filósofo que compreendeu a necessidade de determinar originariamente nosso corpo como um corpo subjetivo" (HENRY, 2012a, p.18)

A carne ou o corpo subjetivo é um "eu posso". Ele é provido de poderes como o ver, sentir, tocar, ouvir, mover e mover-se. Trata-se de "um corpo-sujeito, oposto a um corpo-objeto de que é condição. Um 'corpo subjetivo' a priori, diferente do corpo objetivo no sentido de que aparece como seu fundamento. " (HENRY, 2014, p. 163)

A possibilidade de todo poder é sua vinda a si mesmo na forma de uma carne. Se a corporeidade é o conjunto de nossos poderes, é na carne, como carne, que essa corporeidade é possível. A carne não resulta do quiasma Tocante/tocado e não pode ser descrita corretamente por ele. A carne vem antes do quiasma como condição do poder-tocar e assim, do tocante enquanto tal. Ela vem antes do próprio poder-tocar como o que instala esse poder em si mesmo, fazendo de um poder efetivo (HENRY, 2014, p. 201)

O corpo subjetivo é o fundamento do corpo objetivo que "não é possível senão uma vez pressuposta uma carne doravante revelada a si mesma como carne vivente na autorrevelação patética da vida" (HENRY, 2014, p.200)

Para melhor esclarecer a originariedade do corpo subjetivo, Henry (2014, p. 207) diz que "considerada como órgão objetivo, partindo do corpo mundano, a mão é incapaz de tocar e de sentir o que quer que seja, nem "outra mão" nem outra parte do corpo ou um corpo qualquer. Tocar e sentir, só o pode fazer o poder subjetivo de tocar"

Ademais, o corpo subjetivo que tem poderes de pegar, andar, agir é também movimento que permanece em posse de si na imanência de nossa corporeidade originária – automovimento da Vida em sua autorrevelação carnal. (HENRY, 2014, p. 210)

O corpo subjetivo é lugar de uma memória original. Henry (2014, p. 211) afirma que esse corpo "é mais profunda que a capacidade da

consciência ou de um órgão objetivo, pois é “é a memória de um corpo que se lembra (...) é o automovimento de um poder que lhe é revelado na autodoação patética de minha corporeidade originária”

Desta maneira, a manifestação da vida na carnalidade traz consigo sua própria sabedoria. Seu poder e movimento é origem de toda ação, inclusive do pensamento. Pois o corpo subjetivo é “autorreflexibilidade, autointeligibilidade”. (HENRY, 2014, p. 127).

Portanto, o corpo subjetivo não está na ordem do eu penso, mas na ordem de um corpo que sente. É uma sensibilidade, de modo que esta não está centrada nas sensações, que é algo externo, mas na sensibilidade transcendental cujo poder é dado pela vida originária.

Desta maneira, Michel Henry sai do monismo ontológico cujo conhecimento provém do exterior e transcendente. Ele propõe o chamado dualismo ontológico, onde o corpo subjetivo é condição de possibilidade para toda sensibilidade, afecção, movimento, memória e pensamento.

O dualismo ontológico não é uma dualidade entre corpo objetivo e subjetivo, cindindo nosso corpo em duas partes opostas, pelo contrário, o dualismo ontológico

Satisfaz antes às condições gerais que constituem a possibilidade ontológica da unidade da experiência. O ser originariamente subjetivo de nosso corpo e corpo transcendente, o poder e o órgão, não são (...) ‘dois fatos’, mas ‘duas ordens de fatos’, dos quais a dualidade, como expressão particular do dualismo ontológico, não é senão a determinação da estrutura ontológica fundamental sobre a qual repousam a unidade e a possibilidade de nossa experiência. (HENRY, 2012a, p.147)

Todavia, conforme Maine de Biran e continuado por Henry “não há nenhuma relação entre a vida subjetiva na qual experimentamos poderes originários de nosso corpo e a estrutura fisiológica de nosso corpo-objeto” (HENRY, 2012a, p.143).

Assim, o corpo subjetivo que é transcendental e o corpo objetivo que é transcendente são heterogêneos. A diferença é ontológica, não está no plano ôntico. Para Henry (2012a, p.145), trata-se de “uma diferença não na individualidade, mas na maneira de ser, isto é, relativa à região no âmbito da qual o ser se manifesta e existe”.

A unidade do dualismo ontológico entre corpo subjetivo e objetivo, se dá por aquilo que Henry chama de corpo orgânico ou o chamado *continuum resistente*. Este “vem antes da sensação e do aparecer no

mundo. Trata-se de um corpo invisível a mesmo título que nossa corporeidade originária” (HENRY, 2014, p. 201).

O corpo orgânico não se confunde com os órgãos, músculos e ossos, que é próprio do corpo objetivo. Sua função é mediar o movimento e poder do corpo originário subjetivo e o corpo “côisico” objetivo.

Trata-se de uma “massa” um espaço, uma mediação onde corpo subjetivo coloca em ação os poderes e faz com que o corpo objetivo possa respirar, ver, olhar, mexer-se. Desta forma, “nossa ação é a de nossa corporeidade originária e de seus poderes, é a pulsão que se move em si mesma e verga os “órgãos” que cedem a seu poder. (HENRY, 2014, p.220)

Destarte, o corpo subjetivo realiza “um desdobramento interior que vai ao limite do que ele pode e que, uma vez atingido esse limite e enquanto não cessa seu esforço, volta ao ponto de partida que é a nossa carne, a autodoação primitiva em que cada um desses poderes encontra a possibilidade de agir” (HENRY, 2014, p.219)

Nossa ação no mundo se produz ao termo desse desdobramento orgânico, ali onde, diretamente atingido por este como seu próprio fundo, o mundo lhe opõe sua resistência absoluta. Pois ali está a realidade de seu conteúdo: não em seu aparecer, mas nesse limite de meu esforço, dado dessa maneira ao movimento de minha vida. Como em minha carne, sou a vida de meu corpo orgânico, sou também a vida do mundo. (HENRY, 2014, 220)

Na fenomenologia do corpo, baseada no dualismo ontológico, o corpo subjetivo, a nossa carne, que é manifestação da própria vida é o poder que dá origem a todas as nossas ações, a nossa forma de ser e de estar no mundo. A sabedoria da carne aponta para a sua máxima “o que chamamos imanência se tornou, assim, a essência do transcendente” (HENRY, 2014, p.136)

Sexualidade e questão de gênero

A temática da sexualidade tem sido muito debatida nos ambientes filosóficos principalmente a partir do séc. XX. Merleau-Ponty (1999, p.219) afirma que “é a sexualidade que faz com que o homem tenha uma história. Se a história sexual de um homem oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a

respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens”

Pearl Lewitt, estudioso de Michel Henry, em artigo intitulado *Primordial Sexuality – Mearleau-Ponty, Michel Henry and the Sexual body* afirma que filósofos como Michel Foucault (1926-1984) e Judith Butler (1956-) possuem uma visão da sexualidade construtivista onde a sexualidade é uma construção social ou uma força política de poder.

Foucault alega que não devemos conceber a sexualidade como algo dado da natureza, mas como um dispositivo histórico onde à “grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder” (FOUCAUT, 1988, p.117).

Sob a perspectiva das ciências que em sua busca de objetividade fragmentam o ser humano em diversas especialidades, o sexo pode ser descrito em várias modalidades. Há o sexo legal e jurídico sexo de criação social. PERES (2001, pgs.78-88) aborda o sexo genético, gonático, somático e o psicossocial.

Embora faça parte da existência, essa multiplicação de saberes proporcionados pelo saber unicamente científico “não fornece qualquer visão de conjunto sobre a existência humana e sua destinação, visão sem a qual é impossível decidir o que é preciso fazer em cada caso, desde que este concirna justamente à nossa existência, e não a uma coisa” (HENRY, 2012b, p.23)

Quando aborda-se o conceito de gênero, encontram-se muitas abordagens nas diversas áreas do saber. Todavia, a maioria dos teóricos afirmam que o gênero é uma construção social.

O gênero, embora ligado ao sexo, não lhe é idêntico, mas construído socialmente, a partir das diferenças percebidas entre os sexos e de comportamentos coletivamente determinados, engendrados e reproduzidos no interior das instituições sociais, como a Família, a Escola e a Igreja. É também o primeiro modo de dar significado às relações de poder. (CHOERI, 2004, p. 53)

Observa-se que a temática sobre gênero é dominada pelas ciências sociais que deixaram a vida de lado, olhando somente para o aspecto objetivo em busca do saber científico. No entanto o saber deveria ser

pautado na vida, pois para Henry (2014, p.46) a “organização social (...) encontra na vida da subjetividade absoluta, e somente nela, o local de sua realidade, bem como o princípio de seu desenvolvimento”.

Assim como o sexo e o gênero, os tipos sexuais como a homossexualidade, a bissexualidade, a heterossexualidade e a transexualidade são pautados pelos saberes das ciências biológicas, exatas e humanas sob o aspecto da objetividade que “deixam de lado o modo originário e fundamental da revelação da vida” (HENRY, 2014, p.323).

Nas ciências, a heterossexualidade configura-se quando um indivíduo sente atração por pessoas com sexo biológico oposto. A homossexualidade é definida basicamente por homens ou mulheres que sentem atração somente por pessoas do mesmo sexo e a bissexualidade ocorre quando alguém tem atração por pessoas do sexo masculino ou feminino.

A transexualidade, por sua vez, tem se tornado um tema relevante nas pesquisas acadêmicas devido à maior visibilidade social de pessoas com essa condição sexual. Nas explicações científicas, a experiência transexual ocorre quando há um conflito e divergência entre a identidade sexual / imagem de si e o corpo biológico.

Devido a uma visão essencialmente objetiva, tanto a homossexualidade quanto a transexualidade foram consideradas como doenças por muito tempo. Em muitas religiões ainda são entendidas como pecado ou falha. Alguns países punem legalmente as pessoas nessas condições. Em muitos casos as pressões sociais, culturais e religiosas levam as pessoas homossexuais e transexuais à depressão e em muitos casos ao suicídio.

Fruto da redução galileana e da técnica, muitas vezes a sociedade aborda com ojeriza e violência o que ela considera como “distúrbios” ou “disforias” sexuais. A barbárie onde a cultura, que é uma forma da vida alcançar sua plenitude, tem a vida obnubilada, faz com que milhares de pessoas sejam vítimas de homofobia e transfobia.

Michel Henry traz uma nova concepção de sexualidade baseada no dualismo ontológico do corpo, ao qual recupera o corpo subjetivo como manifestação da vida em sua afetividade, sensibilidade e poder original.

O ato sexual é em seu ser originário, pelo menos, algo subjetivo. Enquanto tal, ele está fora do mundo (...) Toda filosofia do amor sexual deve ser refeita a partir dos dados da filosofia do corpo subjetivo. É a todos os gestos humanos, [incluindo] os gestos sexuais, que esta permite atribuir eventualmente, de um ponto de

vista existencial, um sentido infinito e livre, uma vez que mostra previamente, e no plano ontológico, a essência subjetiva de todas as determinações originárias da vida corporal (HENRY, 2012b, p. 266)

A sexualidade e o Eros (sexo) são realidades da existência humana e por isso concernem à própria vida que se dá numa carne, num corpo originário. Para Michel Henry a sexualidade deve ser investigada no sentido de "reconhecer sua essência, a relação, entre a vida transcendental, absolutamente imanente, absolutamente subjetiva, (...) com este corpo, com sua característica sexual" (HENRY, 2014, p.131)

Michel Henry busca um discurso do corpo que suspenda as tendências ingênuas, reificantes, conceptualistas e definitórias. Ele enfatiza, também, a incapacidade das ciências de abordarem a verdadeira essência do corpo e da sexualidade.

O que nos ensinam [as ciências] sobre a essência da sexualidade que já não saibamos, que seja diferente do saber que cada um traz em si como ser vivo, se for verdade que é a esse saber prévio e pressuposto que se relaciona cada uma das determinações ideais de que é feita a ciência? Não será esse saber prévio, supostamente vago e indeterminado (ele só é assim ao olhar do projeto objetivista da ciência), que convém aprofundar, e isso em uma análise filosófica? (HENRY, 2014, p.131)

Para Henry, na concepção das ciências "a relação erótica se reduz a uma relação sexual objetiva; ela se cumpre doravante como esta, como um comportamento e um conjunto de fenômenos objetivos. (HENRY, 2014, p. 318).

O fundador da fenomenologia da vida aponta para diversas consequências da objetivação do Eros e da sexualidade. Para Henry (2014, pgs. 319-322), aspectos como sadomasoquismo, sadismo, voyerismo, pornografia e prostituição são formas unicamente objetivas da sexualidade que não levam em consideração o aspecto subjetivo e imanente da carne e da vida.

Michel Henry não se fixa sobre "o que é" o corpo ou o sexo, mas sobre "como" este aparece e se dá (doação). Para ele se o ser tocado, o pegar, o apreender, o acariciar, etc. é uma modalidade de nossa carne originária, todas as dimensões e ações ligadas ao Eros e à sexualidade também possuem sua origem na nossa carnalidade como manifestação da vida.

Assim, para Henry (2014, p. 304) “a relação erótica é uma relação dinâmica e patética que se cumpre num plano de imanência absoluta e tem lugar na vida”. A vida é a origem da carne, do corpo e também da sexualidade.

É pois, na imanência da vida que a relação erótica deve, antes de tudo, ser descrita, e isso no que concerne tanto ao “ser tocado” quanto ao tocante. Quando, na imanência de seu movimento movendo-se em si mesmo, meu próprio “eu posso”, comportando-se como “tocante” e desdobrando seu próprio corpo orgânico, tropeça no que lhe resiste absolutamente e sobre o qual já não tem poder – o que é tocado por ele, no invisível de seu esforço, é um corpo exterior: o conteúdo real do mundo. (HENRY, 2014, p.305)

Portanto, a fenomenologia originária do corpo nos permite afirmar que Eros e sexualidade se dão a partir de nosso corpo subjetivo, de nossa carne, pois para Henry (2014, p. 317) “é no conjunto das propriedades fenomenológicas que pertencem à carne e, assim, à relação erótica, que é uma relação carnal e não “côisica”.

O que se encontra no fundamento de todas as sociedades é a natureza humana, cuja estrutura fenomenologicamente – não é menos constante através dos séculos. Essa estrutura é a dualidade do aparecer. Essa é a razão pela qual as múltiplas modalidades da existência – que lhe estão ligadas e que encontram, nela, sua possibilidade última – ocorrem, com efeito, em todas as partes onde há homens (HENRY, 2014, p.323).

Desta maneira, cultura, história e ciência vistas do ponto de vista objetivo não podem afetar ou definir o Eros e a sexualidade originária. Essa tem origem na carne que, por sua vez, é imanente, é a representação da própria vida que não pode ser controlada ou influenciada por nenhuma determinação externa.

A sexualidade é uma manifestação da vida, que se apresenta de várias formas. Seja qual for essa manifestação, que as ciências tipificam em hétero, homo, bi ou transexual, estas não podem ser vistas somente de forma objetiva, mas deve-se levar em conta o corpo subjetivo, a carne que em si tem uma sabedoria originária que parte da própria vida e de nenhum outro lugar.

Ética da sexualidade

Michel Henry parte da pergunta que está por detrás de toda ética: Que devemos fazer? A partir desse questionamento, ele recupera a sua fenomenologia da vida e do corpo pois se buscamos o que devemos fazer é porque partimos do pressuposto de que podemos fazer alguma coisa, que temos o poder de fazer algo dentro de nossa existência.

Não podemos falar de uma ética reflexiva a posteriori pois na fenomenologia radical, a vida é um poder que origina todas as nossas ações inclusive nosso pensamento e nosso agir ético.

Desta forma, a fenomenologia da vida proposta por Michel Henry é capital para podermos falar de uma ética original a priori e por conseguinte, uma ética da sexualidade. A vida circunscreve no domínio da ética pois ela é sabedoria e poder absolutos.

A vida é o incontornável e o inexpugnável, o alfa e o ômega de toda organização e de todo desenvolvimento humano, e isso porque ela define a humanidade transcendental - o sentir, o compreender, o imaginar, o agir em todos os casos, o sofrer e o gozar sem os quais não existe nem humanidade nem homem. (HENRY, 2014, p.182)

O ser, o fazer, o agir tem a sua origem e o seu fim na vida fenomenológica. Ainda que as inovações científicas e tecnológicas tenham contribuído positivamente em muitos aspectos da existência, essas ideologias não são capazes de abarcar toda a complexidade do homem.

Muitos dos sistemas éticos construídos até então basearam-se mais no aspecto positivo e objetivo do que na dimensão transcendental e imanente da realidade e do agir humano. Isso, se deu pela construção de uma ideologia baseada na redução galileana que foi origem do mecanicismo e da técnica, dando um aspecto de inumano à existência.

'Inumano' designa a reviravolta ontológica por efeito da qual o princípio diretivo e organizador de uma sociedade, encontrando sua substância na vida, não é mais esta, mas uma soma de conhecimentos, de processos e de procedimentos para cujo estabelecimento e disposição a vida foi, na medida do possível, posta de lado. (HENRY, 2012b, p.183)

Essa ética objetivada, inumana, não elimina a vida, pois isto seria impossível. Todavia, deixa de lado a vida e toda as suas formas de representação, seja na cultura, no corpo, no próprio mundo. Surge então a barbárie, de modo que a sociedade ao obnubilar a própria vida, esquece-se daquilo que é a sua origem, permanecendo perdida em um mundo sem sentido, cujas orientações do agir não atingem à essência da existência humana.

Nessa barbárie silenciosa e extremamente danosa, o saber e a ideologia científica atinge não só a cultura mas é "a própria vida que é atingida, são todos os seus valores que tremem, e não só a estética, mas também a ética, o sagrado – e com eles a possibilidade de viver o dia a dia". (HENRY, 2012b, p. 22)

Segundo a ética proposta por Michel Henry "a essência originária do agir é o movimento contínuo da Vida na sua autofruição. É por isso que a Vida é para si mesma, imediatamente, o seu Próprio Mandamento e não precisa de injunções e de preceitos éticos exteriores e separados de si" (ROSA, 2006, p.13)

Esse poder, esse "eu posso" é dado pela vida, que se manifesta numa carne, num corpo subjetivo transcendental, capaz de andar, pegar, falar, ver, mover-se. Desta forma, a fenomenologia do corpo pautada na carnalidade da vida é o fundamento de toda ação humana. " 'Que fazer? ' Quem vai responder-lhe? Quem o sabe? A vida e mais ninguém! " (HENRY, 2010, p.11)

A ética proposta por Henry reconhece a vinda da vida. Na vida a ordem não é exterior, a ação não está separada do homem. "O habitat do agir é a Vida. Só na Vida se pode contatar com o agir, só nela há as modalidades do viver" (HENRY, 2015, p. 185)

Se a vida é origem de todo o nosso saber e ação, é ela que deve conferir valor às coisas. Ao experimentar-se a si mesma em um corpo transcendental, a vida se autoafirma e persevera em seu ser e para crescer.

Semelhante movimento constitui a teleologia imanente da vida, na qual se enraíza toda ética possível. Não a ética teórica ou normativa, que representa para si fins e valores, mas a ética original ou, antes, o próprio *ethos*, ou seja, o conjunto de processos indefinidamente recomeçados nos quais a vida realiza sua essência. (HENRY, 2012b, p.150)

No decorrer da história, como bem apresenta Foucault, a sexualidade foi abordada pelos mais variados sistemas de repressão, tanto pela religião através dos mais variados modos e controle, tanto pelo Estado e

consequentemente pela família. Todas essas abordagens “éticas” surgidas no decorrer dos tempos não levam em consideração a vida em sua subjetividade e páthos, focando apenas o lado objetivo da existência humana.

Desta forma, uma ética radical da sexualidade, nada mais será do que uma ética da vida, uma ética que possui a carnalidade e a corporeidade subjetiva como ponto de origem de toda sexualidade. Assim uma ética da vida não pode ser pautada na relação entre ações e fins, normas ou valores se estes estiverem vinculados à um extase, a um aspecto objetivo e transcendente.

Vida para Henry é igual à prática, à ação, pois ela é movimento, é poder. “A vinda a si da vida (...) é identicamente o movimento por meio do qual nós nos comportamos, o que somos, o que fazemos (...) fornece todavia tudo o que ela é e tudo o que ela faz, tornando-se assim nossa própria ação” (HENRY, 2012b, p. 156)

Na concepção henryeriana, a vida é um princípio único e universal de avaliação. Para Henry (2014, p. 320) a vida também dá origem à cultura, pois esta é “o conjunto de normas e dos ideais que a vida se impõe a si mesma com a finalidade de se acrescentar sem cessar de si mesma, de fazer crescer a capacidade de sentir, o nível de sua ação, a intensidade de seu amor”

Portanto a cultura não pode deixar de lado a vida. Esta deve ser pautada numa ética original de modo que não aconteça a barbárie do mundo moderno onde o homem, fragmentado em diversos saberes, perde o sentido e mergulha numa existência, superficial e destruidora da vida.

Através da vida e da ética que ela se coloca, de ser ela mesma com sua própria sabedoria, poder e movimento, determina-se a forma como nos comportamos, o que somos e, por conseguinte, o que fazemos.

O que somos, já que esse movimento constitui, nossa ipseidade. O que fazemos, porque, carregados por ele e advindo a nós mesmos, na medida em que ele advém a si, nosso ser, nele, é assim nosso fazer com ele - o que, não sendo jamais posto por nossa ação nem criado por ela, lhe fornece todavia tudo o que ela é e tudo o que ela faz, tornando-se assim nossa própria ação. (HENRY, 2012b, p.156)

Portanto, uma ética da sexualidade pautada na vida só pode ter fins e normas a prescrever se forem provenientes e determinados pela própria vida, pois a vida não erra. Michel Henry (2012b, p.149) afirma que “essa determinação consiste que, experimentando a si mesma constantemente

e se conhecendo a todo instante, a vida também sabe a todo momento o que é preciso fazer e o que lhe convém”.

Conclusão

Michel Henry traz uma radicalização da fenomenologia que muda a forma de ver de toda a filosofia incluindo a corporeidade, a sexualidade e a ética. Ele faz emergir aquilo que durante anos foi obnubilado e deixado de lado: a própria vida em sua imanência transcendental. A vida é base para todo o pensamento de Michel Henry. No entanto o autor não a deixa em uma situação espiritual ou etérea, desvinculada da existência humana, pelo contrário, ele traz à própria carnalidade, ao próprio corpo a sua presença, e vai além, dá a ela a originalidade e condição de possibilidade da própria factibilidade do ser humano.

O homem é corpo. No entanto quando fala-se de corpo na perspectiva da fenomenologia de Michel Henry, partimos para algo que vai além daquilo que é objetivo, do corpo “côisico” como ele mesmo nomeia o corpo que aparece no mundo. O corpo subjetivo surge como carne, como manifestação da própria vida que não cansa em agir, em movimentar-se.

A corporeidade do homem nos remete à sua própria sexualidade. Uma sexualidade que assim como o corpo e a vida, não pode ser reduzida a simples números, planilhas, esquemas físicos, químicos ou biológicos. A fenomenologia radical apresenta um corpo e uma sexualidade original que vão além daquilo que o olhar objetivo e limitado pode explicar.

Portanto, em uma sexualidade radical, não é relevante se esta se apresenta sob a perspectiva biológica e objetiva como heterossexual, bissexual, homossexual, transexual. Essas são tipificações feitas pelas ciências no sentido de entender as diversas manifestações sexuais, mas que se apresentam inúteis pois não levam em conta que essas são as variadas formas da vida se manifestar.

Assim, a questão de gênero e os tipos sexuais não podem ser vistos como doenças, como pecado ou ainda motivo de violência por parte de uma cultura vítima da barbárie do esquecimento da vida e dominada pelo saber técnico que não leva em consideração a humanidade em sua essência.

Todas a sexualidade e com ela a sua diversidade, deve ser vista como uma manifestação da vida, uma manifestação da própria humanidade, do próprio corpo subjetivo que não pode ser reprimido ou

mesmo objeto de poder, de controle, de continência por nada e por ninguém.

Para Henry, a vida é a energia e a origem do próprio agir humano e portanto da própria ética. A ética portanto, do ponto de vista da fenomenologia radical, é pautada pela vida. Se nessa ética há regras, leis ou uma moral, quem as determina é a própria vida, num sentido de mais se manifestar, de mais movimento, de mais agir, de mais ser.

Portanto a ética radical vai além de qualquer normatismo objetivizador que não leva em conta aquilo que é mais fundamental na existência humana: a própria vida que se manifesta numa carne e que com sua sabedoria é origem de toda ação e, portanto, da nossa sexualidade e do nosso ser no mundo.

Referências

BURTT, Edwin A. *As Bases Metafísicas da Ciência Moderna*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

CHOERI, R.C. *O Conceito de Identidade e a Redesignação Sexual*. Rio de Janeiro: Editora Renovar, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: vontade do saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GALILEI, Galileu. *O Ensaíador*. Coleção Pensadores. Sobre o infinito, o universo e os mundos / Giordano Bruno. O ensaiador / Galileu Galilei. A cidade do sol / Tommaso Campanella. Traduções de Helda Barraco, Nestor Deola e Aristides Lôbo. — 3. ed. — São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HENRY, Michel. *Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana*. São Paulo: É Realizações, 2012a.

_____. *A barbárie*. São Paulo: É Realizações, 2012b.

_____. *As ciências e a ética*. Covilhã: Universidade da Beira Interiori, 2010. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/20111006-henry_michel_as_ciencias_e_a_etica.pdf> . Acesso em: 20.jul.2015

_____. *Encarnação: uma filosofia da Carne*. São Paulo: É realizações, 2014.

_____. *Ver o invisível: sobre Kandinsky*. São Paulo: É Realizações, 2012c.

_____. *Eu sou a verdade*. São Paulo: É Realizações, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PERES, A. P. *Transexualismo - O Direito a uma nova Identidade Sexual*. Rio de Janeiro: Editora Renovar, 2001.

PRESERES, Janilce. A fenomenologia da vida: apontamentos sobre afetividade e não-intencionalidade para a fundamentação de uma ética no pensamento de Michel Henry. *Griot – Revista de Filosofia*, Amargosa, v.10, n.2, página 242-259, Dezembro/2014. Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol10-n2/16.pdf>>. Acesso em: 20.jul.2015.

ROSA, José Maria. O Ethos da ética. *Revista Phainomenon*. Estudos de Fenomenologia, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, pp. 279-290 Disponível em <http://www.lusosofia.net/textos/jose_rosa_o_ethos_da_etica_fenomenologia_michel_henry.pdf>. Acesso em: 24.jun.2015